

Efeitos perceptivo-auditivos de um treinamento de comunicação oral em locutores de uma rádio universitária

Auditory-perceptual effects of an oral communication training on university radio broadcasters

Efectos auditivo-perceptivos de un entrenamiento de comunicación oral en locutores de radio universitários

Denis de Jesus Batista* 
Aline Santos da Conceição** 

Resumo

Introdução: os estudantes dos cursos de comunicação veem nas rádios universitárias a oportunidade do desenvolvimento das competências necessárias para o mercado de trabalho. **Objetivo:** descrever os efeitos perceptivo-auditivos de um treinamento de comunicação oral em locutores de uma rádio universitária. **Método:** aplicou-se o Programa de Desenvolvimento da Expressividade para Comunicação Oral em oito locutores. Ocorreram oito encontros de duas horas, cada. Coletou-se no primeiro e último encontro, o material para avaliação perceptivo-auditiva em que os participantes liam um texto informativo. As amostras foram aleatorizadas e dicotomizadas em Leitura A e Leitura B. Dois locutores tiveram as suas leituras duplicadas para análise da confiabilidade interna. Três fonoaudiólogas realizaram análise deste material sem conhecer o período ao qual elas pertenciam. Considerou-se apenas o julgamento daquela que mostrou maior coeficiência interna. **Resultados:** dos oito pares de leituras avaliados, seis foram considerados diferentes após o treinamento. Desses seis pares diferentes, quatro foram melhores após a intervenção. A associação da voz, fala e interpretação apontou-se como razão da escolha em três dessas leituras sendo a mudança mais evidente, a dicção. Os valores das notas das leituras após o treinamento mostraram-se superiores. As vozes com desvio leve tiveram uma discreta redução. A frequência vocal permaneceu inadequada, diferente dos demais recursos vocais que mostraram singela melhora: intensidade,

* Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brazil.

** Centro Universitário Jorge Amado, Salvador, BA, Brazil.

Contribuição dos autores:

DJB: concepção e delineamento do estudo, coleta e análise dos dados, redação do manuscrito final.

ASC: concepção e delineamento do estudo, coleta dos dados, revisão do manuscrito final.

E-mail para correspondência: Denis de Jesus Batista - denis.batista@outlook.com.br

Recebido: 08/08/2020

Aprovado: 27/01/2021

velocidade de fala, pausas, modulação e ênfases. **Conclusão:** as notas das leituras, a qualidade vocal e alguns recursos vocais, exceto a frequência da fala, mostraram discreta evolução ao final do treinamento.

Palavras-chave: Comunicação; Fonoaudiologia; Rádio; Treinamento da voz; Universidades.

Abstract

Introduction: students of communication courses see on university radio stations the opportunity to develop the skills needed for the job market. **Objective:** to describe the auditory-perceptual effects of an oral communication training on university radio announcers. **Method:** the Expressiveness Development Program for Oral Communication was applied to eight speakers. There were eight meetings with two hours each. In the first and last meeting, the material for auditory-perceptual evaluation was collected in which the participants read an informative text. The samples were randomized and dichotomized in Reading A and Reading B. Two speakers had their readings duplicated for the analysis of internal reliability. Three speech therapists performed analysis of this material without knowing the period to which they belonged. Only the judgment of the one that showed the highest internal coefficient was considered. **Results:** of the eight pairs of readings evaluated, six were considered different after training. Of these six different pairs, four were better after the intervention. The association of voice, speech and interpretation was pointed out as the reason for choosing three of these readings, the most evident change being diction. The values of the notes of the readings after the training showed to be superior. Voices with slight deviation had a slight reduction. The vocal frequency remained inadequate, unlike the other vocal resources that showed a slight improvement: intensity, speech rate, pauses, modulation and emphasis. **Conclusion:** the reading notes, the vocal quality and some vocal resources, except for the frequency of speech, showed a slight evolution at the end of the training.

Keywords: Communication; Speech, Language and Hearing Sciences; Radio; Voice training; Universities.

Resumen

Introducción: los estudiantes de los cursos de comunicación ven en las radios universitarias la oportunidad de desarrollar las habilidades necesarias para el mercado laboral. **Objetivo:** describir los efectos auditivo-perceptuales de una formación en comunicación oral en locutores de radio universitarios. **Método:** se aplicó el Programa de Desarrollo de la Expresividad para la Comunicación Oral a ocho hablantes. Hubo ocho reuniones de dos horas cada una. En el primer y último encuentro se recogió el material para la evaluación auditivo-perceptual en el que los participantes leyeron un texto informativo. Las muestras fueron aleatorizadas y dicotomizadas en Lectura A y Lectura B. Se duplicaron las lecturas de dos hablantes para el análisis de confiabilidad interna. Tres logopedas realizaron análisis de este material sin conocer el período al que pertenecían. Solo se consideró el juicio del que presentó mayor coeficiente interno. **Resultados:** de los ocho pares de lecturas evaluadas, seis se consideraron diferentes después del entrenamiento. De estos seis pares diferentes, cuatro fueron mejores después de la intervención. La asociación de voz, habla e interpretación fue señalada como la razón para elegir tres de estas lecturas, siendo el cambio más evidente la dicción. Los valores de las notas de las lecturas posteriores al entrenamiento mostraron ser superiores. Las voces con ligera desviación tuvieron una ligera reducción. La frecuencia vocal siguió siendo inadecuada, a diferencia del resto de recursos vocales que mostraron una leve mejoría: intensidad, velocidad del habla, pausas, modulación y énfasis. **Conclusión:** las notas de lectura, la calidad vocal y algunos recursos vocales, a excepción de la frecuencia del habla, mostraron una ligera evolución al final del entrenamiento.

Palabras clave: Comunicación; Fonoaudiología; Radio; Entrenamiento de la voz; Universidades.

Introdução

As primeiras rádios universitárias surgiram no século passado na Argentina e nos Estados Unidos. Tendo a sua ascensão no início dos anos 2000, em países como a Itália e a Espanha¹. Diferente dos demais estilos de radiofonia, elas possuem características peculiares:

- São direcionadas, especificamente, para a comunidade acadêmica;
- São prestadoras de serviços para as instituições de ensino superior;
- Comprometem-se com a divulgação do conhecimento técnico, científico e cultural;
- Usam uma linguagem consonante com o seu maior público, os jovens;
- Funcionam, exclusivamente, em horários comerciais;
- Constituem-se, normalmente, por alunos voluntários e extensionistas oriundos dos cursos de Jornalismo, Comunicação Social, Produção Audiovisual, Publicidade e Relações Públicas;
- E sua transmissão ocorre via *web* em *podcasts* e serviços de *streaming* devido às dificuldades de fundos de financiamento²⁻⁴.

Conhecer o funcionamento dessas rádios não é uma tarefa fácil, pois a produção científica sobre essa temática não é abundante. A partir de 2011, este cenário mudou após a implantação da Associação das Rádios Universitárias (ARU) na Espanha que teve por objetivo criar uma sinergia institucional e tornar a prática dessas rádios mais homogênea^{1,3}; assim, expandiu-se o número de publicações no território espanhol – algo que não ocorreu no Brasil. Segundo Kischinsky, Mustafá, Matos e Hang (2018)⁵ há uma grande lacuna no conhecimento científico sobre as rádios universitárias do Brasil e as poucas publicações estão restritas aos estudos de casos e aos relatos de experiência, com destaque para as rádios da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) nas últimas duas décadas, consequentemente, dificultando a ampliação do conhecimento. Sabe-se que elas estão distribuídas em emissoras AM, FM e *web radios*, porém, muitas outras não divulgam oficialmente as suas atividades impossibilitando um mapeamento das suas condutas.

Os estudantes dos cursos de comunicação, futuros profissionais da voz, veem nas rádios uni-

versitárias, a oportunidade de desenvolverem as competências que o mercado de trabalho valoriza. As demandas exigem versatilidade dos seus locutores. Eles intercalam entre as funções de locutor, programador, editor, diretor, produtor, repórter, sonoplasta e músico, mas o maior foco está na parte do discurso e da criação de conteúdo do que na parte técnica^{2,3,4,6}.

Em um estudo realizado por um grupo de fonoaudiólogos na Austrália, instrutores e empregadores de rádios convencionais relataram quais as características pertinentes para a contratação de um locutor. Além da multifuncionalidade na rádio, foram mencionadas: flexibilidade vocal para com a estação e a programação; presença de uma fala saudável, clara, natural e expressiva⁷. Portanto, estar preparado para tais demandas comunicativas, é uma condição inerente para esses profissionais.

Os treinamentos focados no desenvolvimento das competências comunicativas são moderados por fonoaudiólogos, preferencialmente, especialistas da área da voz humana. Neles ocorrem atividades envolvendo exercícios de expressividade usando fala encadeada, simulações associadas com leitura de textos em diferentes emoções e explanação sobre saúde vocal. O registro audiovisual também é um recurso importante para o desenvolvimento da autopercepção e da conscientização dos participantes. É interessante que seja realizado em pequenos grupos, pois fomenta interação entre falantes e interlocutores em diversos contextos comunicativos estimulando a atitude ativa do comunicador e promovendo um momento de troca de experiências e conhecimentos⁸.

Uma revisão de literatura evidenciou que a produção científica brasileira sobre a atuação fonoaudiológica em rádios universitárias é escassa⁹, embora, haja publicações descrevendo o trabalho fonoaudiológico na comunicação dos universitários em geral^{10,11}, principalmente, os estudantes de Comunicação Social e Jornalismo, Produção Audiovisual e Rádio¹²⁻¹⁴. Neste contexto, o presente estudo tem por objetivo descrever os efeitos perceptivo-auditivos de um treinamento de comunicação oral em locutores de uma rádio universitária.

Métodos

Este estudo seguiu as diretrizes do Conselho Nacional de Saúde (CNS), tendo seu início após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa

sob o parecer nº 2.780.453 do protocolo CAAE 87624618.0.0000.0041 e após a anuência da rádio. Todos os participantes apresentados concordaram com o estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Trata-se de um estudo de intervenção, pré e pós teste, com um grupo único de participantes.

O convite ocorreu na reunião do Núcleo de Experimentos em Conteúdos Radiofônicos da instituição onde o estudo foi executado. A amostra inicial constitui-se de nove participantes, havendo uma desistência, finalizando a intervenção com oito locutores.

Utilizou-se para inclusão na amostra, os seguintes critérios: serem acadêmicos e atuantes no corpo de locução da rádio universitária. Adotou-se como critério de exclusão: os sujeitos com déficit cognitivo e/ou dificuldade em entender e realizar as avaliações e os exercícios solicitados; aqueles que estivessem realizando treinamento comunicativo ou vocal concomitante ao período do estudo; e que não participassem de todas as etapas da pesquisa.

Aplicou-se entre os meses de março e abril de 2018, o Programa de Desenvolvimento da Expressividade para Comunicação Oral. Este treinamento foi elaborado com base no mapeamento da prática fonoaudiológica em expressividade verbal realizado por Borrego e Behlau (2018)⁸. Ele tem por objetivo aprimorar a comunicação oral baseando-se em um contexto que abrange amplamente a interação entre interlocutores, a psicodinâmica vocal, e a díade forma e conteúdo/som e sentido. Com momentos de prática de leitura em voz alta e

fala encadeada em diferentes emoções; mostra de registros audiovisuais para o desenvolvimento da percepção da expressividade verbal e estratégias de autopercepção da comunicação oral e da saúde vocal (Quadro 1)¹⁵.

Nele, ocorreram oito encontros, com duas horas de duração, cada, moderado por dois membros da equipe de pesquisa numa sala de aula climatizada, no próprio campus em que a rádio estava instalada. Todos os encontros foram combinados de forma prévia entre os moderadores e os participantes, tendo como melhor opção, a realização deles no turno vespertino.

No primeiro encontro, apresentaram-se as bases do treinamento e aplicaram-se os instrumentos de avaliação. A partir do encontro dois, ao sete, dividiu-se o funcionamento em três partes:

- Parte I – Exposição dialogada e estimulação auditiva para desenvolvimento da percepção comunicativa;
- Parte II – Aplicação de exercícios e estratégias para preparação vocal;
- Parte III – Aplicação de exercícios e estratégias de fala encadeada com leitura de textos (breves e curtos) para o desenvolvimento da expressividade oral.

A duração desses blocos variava de acordo com o tema e com as atividades propostas (Quadro 1). No último encontro, além da retomada dos principais tópicos do treinamento, aplicou-se novamente os mesmos instrumentos de avaliação utilizados no primeiro encontro.

Quadro 1. Descrição do Programa de Desenvolvimento da Expressividade para Comunicação Oral aplicado no estudo.

Encontro 1: Abertura – Bases do Programa (2 horas)	
Parte I	Apresentação do treinamento vocal e dos pesquisadores
	Entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
	Aplicação dos protocolos de avaliação
Parte II	Gravação individual das vozes
Tarefa de Casa	Percepção de sua comunicação oral e de outros
Encontro 2: Respiração (2 horas)	
Parte I (40 minutos de duração)	Participantes dão nota de 0 a 10 para seu envolvimento na tarefa de casa
	Exposição dialogada: apresentação sobre os mecanismos básicos de produção da voz (noções de anatomia e fisiologia da produção vocal) e princípios básicos da comunicação interpessoal;
Parte II (20 minutos de duração)	Discussão sobre pontuação e respiração, realização de pausa respiratória de acordo com a lógica do texto, com exemplo de frase com diferentes significados de acordo com a pontuação empregada;
	Técnica de movimentos cervicais e de rotação de ombros;
	Movimentos amplos da região costodiafragmática durante sequências de inspirações e expirações profundas;
Parte III (20 minutos de duração)	Exercício de marcação de pontuação, como vírgula e ponto, em textos impressos sem os sinais gráficos. A anotação deve ser feita de acordo com a lógica do texto, notando a diferença de duração das pausas no caso da vírgula e do ponto final;
	Leitura em voz alta dos textos com breve feedback individual.
Parte IV (40 minutos de duração)	Gravação em vídeo, individual, de leitura em voz alta do texto informativo “Brasil, um país com imprensa parcialmente livre” para posterior análise dos participantes;
Tarefa de casa	Realização de exercícios e leitura em voz alta propostos no encontro;
	Percepção de sua comunicação oral e de outros;
	Observação da respiração e sua relação com o conteúdo do que é dito.
Encontro 3: Aquecimento vocal (2 horas)	
Parte I (60 minutos de duração)	Participantes dão nota de 0 a 10 para seu envolvimento na tarefa de casa;
	Exposição dialogada: apresentação de diapositivos sobre saúde vocal e aspectos relacionados às impressões transmitidas por diferentes recursos vocais
Parte II (30 minutos de duração)	Leitura em voz alta de texto informativo
	Estratégia para orientar o participante na compreensão global do texto por meio de perguntas para identificar a estrutura do texto e inferir a intenção do autor;
	Leitura em voz alta do mesmo texto e comparação entre leituras pré e pós-compreensão do texto;
	Técnica de movimentos cervicais e de rotação de ombros;
	Movimentos amplos das estruturas da região costodiafragmática durante sequências de inspirações e expirações profundas;
	Técnica de sons vibrantes em emissões sustentadas, moduladas e em escalas musicais;
	Técnica do bocejo-suspiro;
	Técnica de firmeza glótica;
Técnica de sons nasais associada à técnica mastigatória;	
Parte III (30 minutos de duração)	Leitura em voz alta do mesmo texto informativo, análise das situações:
	Primeira leitura, sem discussão do texto;
	Segunda leitura, pós-discussão e compreensão do texto;
	Terceira leitura, pós-compreensão do texto e pós-aquecimento;
	Comparação entre as leituras e breve feedback individual;
	Leitura em voz alta de outro texto informativo com breve feedback individual, pontuando parâmetros como frequência, intensidade, articulação da fala e ressonância, além de sua relação com o conteúdo do texto.
Tarefa de casa	Realização de exercícios e leitura em voz alta propostos no encontro;
	Percepção de sua comunicação oral e de outros;
	Observação da frequência e intensidade da voz, articulação da fala e ressonância, além da relação com o conteúdo do que é dito.



Encontro 4: Articulação dos sons da fala (2 horas)	
Parte I (50 minutos de duração)	Participantes dão nota de 0 a 10 para seu envolvimento na tarefa de casa e para sua comunicação oral durante a semana;
	Apresentação de vídeo para mostrar exemplos de psicodinâmica vocal, tema já comentado no encontro anterior em que foram discutidas as impressões transmitidas pelos recursos vocais;
	Exposição dialogada: apresentação de diapositivos com exemplos de áudio e vídeo que mostram pessoas com diferentes tipos de padrões articulatórios;
Parte II (30 minutos de duração)	Leitura em voz alta de texto informativo;
	Perguntas para direcionar a compreensão global do texto: identificação da estrutura do texto e inferência da intenção do autor;
	Técnica de movimentos cervicais e de rotação de ombros associada à técnica de sons vibrantes;
	Técnica de sons vibrantes em emissões moduladas;
	Técnica de sons nasais associada à técnica mastigatória;
	Técnica de rotação de língua no vestíbulo bucal associada à técnica de sons nasais;
	Técnica mastigatória;
Técnica de sobrearticulação.	
Parte III (40 minutos de duração)	Leitura em voz alta do mesmo texto informativo e comparação entre leituras antes e após exercícios, com breve feedback individual;
	Leitura em voz alta de um texto publicitário que é dirigido a um público jovem; portanto, a ser lido com velocidade rápida de fala, mantendo precisão articulatória. Reunião de todas as habilidades trabalhadas durante este encontro: estratégias de compreensão do texto e exercícios para garantir uma articulação bem definida;
	Breve feedback individual.
Tarefa de casa	Realização de exercícios e leitura em voz alta propostos no encontro;
	Percepção de sua comunicação oral e de outros;
	Observação da articulação dos sons da fala e sua relação com o conteúdo do que é dito.
Encontro 5: Modulação de frequência e intensidade (2 horas)	
Parte I (50 minutos de duração)	Participantes dão nota de 0 a 10 para seu envolvimento na tarefa de casa e para sua comunicação oral durante a semana;
	Exposição dialogada: apresentação de diapositivos com exemplos de áudio e vídeo que mostram pessoas com diferentes tipos de modulação de frequência e intensidade;
	Apresentação de exemplo de áudio para mostrar as diferentes inflexões vocais de acordo com a pontuação do texto.
Parte II (30 minutos de duração)	Leitura em voz alta de texto em que a mesma frase tem sentidos distintos de acordo com a posição do sinal gráfico de vírgula;
	Técnica de movimentos cervicais e de rotação de ombros associada à técnica de sons vibrantes;
	Técnica de sons nasais associada à técnica mastigatória;
	Técnica de som basal;
	Técnica de sopro e som agudo;
Técnica de sons vibrantes em emissões moduladas e em escalas musicais.	
Parte III (40 minutos de duração)	Técnica de modulação de frequência e intensidade: leitura de frases especiais para treino de diferentes inflexões e com palavras previamente marcadas para exercício de ênfases;
	Leitura em voz alta de poesia. Perceber como cada participante emprega os recursos vocais de acordo com sua interpretação pessoal do texto e a mensagem que deseja transmitir. Breve feedback individual.
Tarefa de casa	Realização de exercícios e leitura em voz alta propostos no encontro;
	Percepção de sua comunicação oral e de outros;
	Observação da modulação de frequência e intensidade e sua relação com o conteúdo do que é dito.



Encontro 6: Ressonância (2 horas)	
Parte I (20 minutos de duração)	Participantes dão nota de 0 a 10 para seu envolvimento na tarefa de casa e para sua comunicação oral durante a semana.
Parte II (30 minutos de duração)	Leitura em voz alta de texto publicitário;
	Perguntas para direcionar a compreensão global do texto: identificação da estrutura do texto e inferência da intenção do autor;
	Leitura em voz alta de texto informativo antes dos exercícios;
	Técnica de movimentos cervicais e de rotação de ombros associada à técnica de sons vibrantes;
	Técnica de sons fricativos: emissão de fricativos sonoros de forma concatenada "vzj vzj vzj";
	Técnica do bocejo-suspiro;
	Técnica de sons nasais associada à técnica mastigatória;
Parte III (40 minutos de duração)	Técnica de rotação de língua no vestibulo bucal associada à técnica de sons nasais.
	Leitura em voz alta do mesmo texto publicitário e comparação entre leituras antes e após exercícios, com breve feedback individual;
	Técnica de voz salmodiada associada a sequências articulatórias e à fala automática;
Parte IV (30 minutos de duração)	Leitura em voz alta de texto informativo com breve feedback individual. Reunião de todas as habilidades trabalhadas durante este encontro: estratégias de compreensão do texto e exercícios para garantir uma ressonância equilibrada e promover melhor projeção vocal.
	Gravação em vídeo, individual, de leitura em voz alta do texto informativo "Brasil, um país com imprensa parcialmente livre", mesmo texto utilizado no Encontro 2, para análise dos participantes
Tarefa de casa	Realização de exercícios e leitura em voz alta propostos no encontro;
	Percepção de sua comunicação oral e de outros;
	Observação da ressonância e sua relação com o conteúdo do que é dito.
Encontro 7: Comparação da comunicação oral pré e pós-treinamento (2 horas)	
Parte I (20 minutos de duração)	Participantes dão nota de 0 a 10 para seu envolvimento na tarefa de casa e para sua comunicação oral durante a semana
Parte II (100 minutos de duração)	Exposição dialogada: apresentação de diapositivos sobre a expressividade verbal no texto, chamando a atenção para a questão de que a voz e o som estão sempre carregados de sentido, bem como revisão de todos os parâmetros vocais trabalhados ao longo do treinamento vocal, relacionando as impressões transmitidas pelos diversos recursos de voz;
	Explicação de como acontecerá a dinâmica seguinte – comparação entre vídeos antes e após treinamento: comentários individuais, autoavaliação, feedback dos colegas e da fonoaudióloga.
	Apresentação dos vídeos de cada participante, organizados aos pares, gravados nos encontros 2 e 6, e considerados como material antes e após treinamento, respectivamente;
	Análise das gravações;
	Feedbacks feitos imediatamente após observação do vídeo de cada aluno;
Tarefa de casa	Comentários sobre os pontos que melhoraram e aqueles que ainda poderiam ser aprimorados.
	Realização dos exercícios propostos ao longo do treinamento, de acordo com a necessidade individual;
	Percepção de sua comunicação oral e de outros.
Encontro 8: Finalização do programa (2 horas)	
Parte I (20 minutos de duração)	Participantes dão nota de 0 a 10 para seu envolvimento na tarefa de casa e para sua comunicação oral durante a semana.
Parte II (100 minutos de duração)	Resumo da proposta do treinamento, retomada dos exercícios e reforço dos pontos mais importantes;
	Aplicação dos protocolos de avaliação;
	Gravação individual das vozes.

Logo no primeiro encontro, aplicou-se um questionário desenvolvido pela própria equipe para coletar dados sociodemográficos e ocupacionais, como: sexo, data de nascimento, idade, estado civil, carga horária e dias de trabalho. Coletou-se, no primeiro e no último encontro, o material para avaliação perceptivo-auditiva.

A gravação foi realizada no estúdio da própria rádio em que os participantes tinham que ler um texto informativo fornecido pelo estudo que avaliou os efeitos deste treinamento¹⁵. Segundo a autora, o conteúdo do texto sofreu adaptações para que a mensagem fosse mais objetiva e coerente, portanto, o conteúdo do texto foi o seguinte: “*Jarbas Barbosa, novo presidente da Anvisa, defende mudanças na embalagem dos alimentos. A medida é necessária para facilitar a identificação de produtos com alto teor de sal, açúcar ou gordura. Essas informações são fundamentais para garantir a escolha consciente de todos os consumidores na hora de comprar*”. O único contato que os participantes tiveram com esse texto foi no primeiro e no último encontro.

Realizou-se a gravação em um estúdio com isolamento acústico utilizando um microfone da marca *Audio-technica* modelo *AT2020* com filtro *anti-puff Shock Mount SH-100* conectado em dois cabos do tipo *XLR* e da marca *Canon-Canon*, além de uma placa de interface de áudio da marca *Behringer* da linha *U-phoria* e do modelo *UMC204 HD*. Ajustou-se a distância do microfone na altura da boca e com afastamento de aproximadamente 5 centímetros.

As amostras foram editadas pelo *software Audacity* versão 2.1.3 considerando como material para avaliação perceptivo-auditiva apenas a última frase: “*Essas informações são fundamentais para garantir a escolha consciente de todos os consumidores na hora de comprar*”. Levando em conta a proposta de considerar apenas a última frase com o mesmo propósito do estudo que originou o treinamento, tendo como justificativa o fato de que frases curtas são bem avaliadas nas análises perceptivo-auditivas¹⁵.

As amostras das gravações foram randomizadas pela função *ALEATÓRIO* do *software Excel* versão 2016. As amostras de dois locutores foram duplicadas antes da randomização para posterior análise da confiabilidade intra e inter avaliadores. As amostras de cada locutor foram dicotomizadas em leitura A e leitura B, e apenas os pesquisadores

sabiam quais materiais pertenciam ao momento inicial e ao final.

Três juízas fonoaudiólogas com especialização em voz e com experiência mínima de oito anos na atuação com profissionais da voz falada receberam o convite para participar da etapa de análise das leituras. Os materiais foram hospedados no *Google Drive* e o seu acesso disponibilizado para os juízes por *e-mail*. Elas também receberam os protocolos em branco para registro da análise perceptivo-auditiva. Ambas analisaram o conteúdo de forma independente seguindo apenas as orientações destinadas no próprio documento.

O protocolo para avaliação perceptivo-auditiva utilizado também originou do estudo com a proposta do treinamento¹⁵. Ele é dividido em três partes e tem o seguinte esquema:

- O juiz escuta dois arquivos do mesmo locutor, denominado “Leitura A” e “Leitura B”, respectivamente;
- Após isto, ele pode marcar a opção “Semelhantes”, caso considere as duas amostras iguais, ou assinalar a opção “Diferentes”, caso considere as leituras distintas;
- Considerando os materiais semelhantes, o juiz é orientado a seguir para a parte II. Caso ele tenha considerado as amostras diferentes, ele é questionado sobre qual o melhor material: Leitura A ou leitura B? Qual a razão da sua escolha: voz e fala, interpretação ou ambas? Qual a mudança mais evidente: voz limpa, dicção, credibilidade ou envolvimento? E, por fim, era solicitada uma nota de 0 a 10 para cada uma das leituras. É válido ressaltar que havia legendas no protocolo indicando o que era considerado como voz limpa (clareza vocal), dicção nítida (articulação bem definida), credibilidade da mensagem (aquilo que se pode crer, crível), envolvimento com o ouvinte (texto interpretado e menos lido);
- Na segunda parte do protocolo, quando as leituras eram consideradas semelhantes, o juiz classificava o grau de desvio vocal de ambas as amostras considerando as seguintes categorias: 0 para ausência de desvio; 1 para desvio leve; 2 para desvio moderado; e 3 para desvio intenso. Caso o avaliador tivesse apontado as amostras como diferentes, ocorria o mesmo processo, porém, classificando cada leitura individualmente.
- Na terceira e última parte, o juiz tinha que analisar qualitativamente os recursos vocais pre-

dominantes na leitura (frequência, intensidade, velocidade de fala, pausas, modulação e ênfases), pontuando o valor da seguinte forma: 0 para totalmente adequado ao texto; 1 para parcialmente adequado ao texto e 2 para inadequado. As leituras consideradas semelhantes eram analisadas de forma homogênea e aquelas consideradas diferentes eram analisadas de forma separada.

Utilizou-se análise estatística descritiva simples para os dados sociodemográficos, ocupacionais e para as variáveis não-pareadas. Aplicou-se o teste múltiplo de *Kappa* para analisar a concordância inter e intrajuízes adotando os valores propostos por Landis e Koch (1977)¹⁶, são eles: menor que zero é insignificante (*poor*); entre 0 e 0,2 fraca (*slight*); entre 0,21 e 0,4 razoável (*fair*); entre 0,41 e 0,6 moderado (*moderate*); entre 0,61 e 0,8 forte (*substantial*); entre 0,81 e 1 quase perfeita (*almost perfect*). Devido ao baixo valor da concordância interjuízes, optou-se por considerar apenas o julgamento da juíza que mostrou maior coeficiência interna, neste caso, tendo o valor de $K=1$, quase perfeito (*almost perfect*). Foi utilizado o Teste T pareado para comparação das variáveis quantitativas contínuas e o teste de postos com sinais de *Wilcoxon* para comparação das variáveis qualitativas ordinais. Adotou-se como valor de significância estatística o valor de $p < 0,05$. O *software R* versão 3.6.3 foi utilizado para os testes estatísticos deste estudo.

Resultados

Participaram deste estudo cinco mulheres e três homens, entre 19 e 32 anos de idade (média=23,12; desvio-padrão=4,38). Todos eram estudantes do curso de graduação em comunicação social e jornalismo. Destes locutores, a maioria (n=6) afirmou que exercia atividades remuneradas por meio período nessa rádio; um locutor informou que trabalhava na rádio e em um *call center*; enquanto, um outro locutor referiu que realizava também trabalhos informais para completar a renda. Apenas um locutor recebia bolsa de estágio. Todos eram solteiros. A média dos dias trabalhados era três (desvio-padrão=9,87).

Dentre os oito pares de leituras avaliados, seis (75%) foram considerados diferentes e dois (25%) considerados iguais. Dos pares apontados como diferentes (n=6), dois foram classificados como melhores (33,33%) no momento inicial, enquanto quatro (66,67%) foram melhores no momento final do treinamento.

A associação da voz, fala e interpretação apontou-se como razão da escolha em três (50%) das leituras classificadas como diferentes, em duas (33,33%) leituras a razão da escolha foi a interpretação, e em uma (16,66%) a voz e a fala.

A mudança mais evidente em três leituras foi a dicção (50%), em seguida o envolvimento (n=2/33,33%) e a credibilidade (n=1/16,66%).

Os valores da média, mediana e desvio-padrão das notas das leituras após o treinamento mostraram-se superiores revelando significância estatística ($p=0,00409$) (Tabela 1).

Tabela 1. Comparação das notas das leituras do texto antes e após o treinamento.

Período	Média	Mediana	Desvio-padrão	p*
Pré	5,2	6	2,82	0,00409**
Pós	5,6	6,5	3,27	

Legenda: *Teste T student pareado; Pré: Nota da amostra de fala no primeiro encontro; Pós: Nota da amostra de fala no encontro final; ** $p < 0,05$.

As vozes com desvio leve no momento inicial eram discretamente maiores do que no momento final (Tabela 2).

Analisando os recursos vocais antes e após o treinamento, a frequência vocal permaneceu inalterável com o maior número de participantes a utilizando inadequadamente. Houve redução da classificação “inadequada” nos seguintes recursos

vocais: intensidade, pausas e ênfases; e aumento da classificação “inadequada” na velocidade de fala e na ênfase. A variável “parcialmente adequada” reduziu na velocidade de fala e na modulação e aumentou nas pausas e ênfases. A variável “totalmente adequada” aumentou nos seguintes recursos vocais: velocidade de fala, pausa, modulação e ênfases (Tabela 3).

Tabela 2. Comparação da classificação da qualidade vocal antes e após o treinamento.

Qualidade vocal	Pré	Pós	p*
	n(%)	n(%)	
Ausente	3(37,5)	4(50)	0,6694
Desvio Leve	5(62,5)	4(50)	
TOTAL	8	8	

Legenda: *Teste de postos com sinais de *Wilcoxon*; n=número de sujeitos; %=porcentagem.

Tabela 3. Comparação dos recursos vocais antes e após o treinamento.

Recursos Vocais	Pré	Pós	p*
	n(%)	n(%)	
Frequência			
Totalmente adequado ao texto	3(37,5)	3(37,5)	1
Parcialmente adequado ao texto	1(12,5)	1(12,5)	
Inadequado	4(50)	4(50)	
Intensidade			
Totalmente adequado ao texto	2(25)	3(37,5)	0,4602
Parcialmente adequado ao texto	5(62,5)	5(62,5)	
Inadequado	1(12,5)	-	
Velocidade de Fala			
Totalmente adequado ao texto	-	2(25)	0,8596
Parcialmente adequado ao texto	6(75)	3(37,5)	
Inadequado	2(25)	3(37,5)	
Pausas			
Totalmente adequado ao texto	-	1(12,5)	0,2673
Parcialmente adequado ao texto	1(12,5)	2(25)	
Inadequado	7(87,5)	5(62,5)	
Modulação			
Totalmente adequado ao texto	-	1(12,5)	0,6056
Parcialmente adequado ao texto	7(87,5)	4(50)	
Inadequado	1(12,5)	3(37,5)	
Ênfases			
Totalmente adequado ao texto	-	1(12,5)	0,2954
Parcialmente adequado ao texto	2(25)	3(37,5)	
Inadequado	6(75)	4(50)	

Legenda: * Teste de postos com sinais de *Wilcoxon*; n=número de sujeitos; %=porcentagem.

Discussão

Este estudo teve por objetivo descrever os efeitos perceptivo-auditivos do Programa de Desenvolvimento da Expressividade para Comunicação Oral aplicado em locutores de uma rádio universitária. Embora nem todas as inferências estatísticas tenham apresentado valores significativos, possivelmente pelo tamanho amostral, os resultados analisados de forma descritiva podem nortear futuros treinamentos com essa população e contribuir com a literatura sobre rádios universitárias. Visto que há uma escassez mesmo elas sendo uma realidade mundial em ascensão no meio virtual^{1,9}.

Os resultados deste treinamento foram mensurados pela avaliação perceptivo-auditiva, que embora seja subjetiva, é considerada padrão-ouro para avaliações vocais e tem sido amplamente utilizada na investigação de resultados de treinamento com locutores profissionais. Sobretudo, há uma falta de sistematização nessa instrumentalização na avaliação da expressividade oral^{12,1} possivelmente pelo cuidado em não perder detalhes singulares das diferentes categorias dos profissionais da voz. Contudo, isso dificulta a comparação com outros estudos e a afinidade instrumental dos avaliadores¹⁷, podendo justificar os baixos valores de concordância intra-avaliadores deste estudo.

Outro fator que deve ser considerado é a ausência de um treinamento prévio para avaliação perceptivo-auditiva. Ainda que as avaliadoras sejam fonoaudiólogas com especialização em voz e com experiência em voz profissional — fator este que valoriza a avaliação¹⁸ — os treinamentos prévios possibilitam o uso de estratégias de aprendizagem e maior flexibilidade cognitiva no acervo de referências auditivas formando um sistema de referência interna mais robusto para tarefas como essas¹⁹.

Dos oito pares de leituras analisados, dois pares foram considerados iguais (sem efeitos), dois considerados diferentes com melhora no momento inicial (efeitos negativos) e quatro considerados melhores no momento final (efeitos positivos), considerando que a média das notas das leituras finais foi maior do que as leituras iniciais (Tabela 1) tendo significância estatística ($p=0,00409$). Essa variação dos resultados pode ser explicada pelo Modelo Transteórico de Mudança (MTT) desenvolvido por Prochaska e DiClemente (1982)²⁰ indicando as diferentes etapas de prontidão individual para

a mudança comportamental. Nele, a mudança perpassa por alguns níveis, são eles:

- Pré-contemplação — não há uma percepção da necessidade de mudança, assim, não havendo o reconhecimento da sua devida importância;
- Contemplação — regida por considerações futuras e longínquas de mudanças, porém, não há atitudes que promovam novos comportamentos;
- Preparação — há uma intenção passiva em realizar pequenas mudanças, no entanto, elas não são tão duradoras;
- Ação — há uma intenção ativa em aplicar novos hábitos e comportamento em que é possível perceber a conquista de alguns objetivos;
- Manutenção — há um esforço constante para durabilidade dos novos hábitos e evitar possíveis recaídas;
- Término — a mudança é realizada espontaneamente sem a necessidade de estratégias para a sua consolidação²⁰.

O desenvolvimento da autopercepção da comunicação foi um dos focos deste treinamento baseado na unidade da comunicação oral: voz, linguagem e expressividade. Os participantes mais comprometidos podem ter percebido a necessidade da aquisição desta habilidade e desenvolvido as competências necessárias para o ofício de um locutor¹⁵, assim, realizando as atividades propostas e repetindo os exercícios em domicílio. Embora não tenha sido utilizado nenhum instrumento que avalie o estágio de prontidão para a mudança comportamental com os participantes deste estudo, é válido ressaltar que nem todos estão preparados para a mudança. Alguns participantes poderiam estar em diferentes estágios, por isto, apresentaram resultados diferentes. Algumas mudanças almejadas, às vezes, acontecerão apenas em ambientes adequados e com o suporte necessário à sua particularidade²⁰.

A tríade voz, fala e interpretação julgou-se como a razão da escolha para perceber a diferença entre as leituras. Esses achados coadunam com as expectativas do cenário atual em que o modelo de locução valorizado no mercado de trabalho exige uma fala clara, crível, agradável, natural, mas sem perder os aspectos profissionais. Consequentemente, isso demanda uma articulação precisa, a velocidade de fala adequada e uma voz saudável com recursos vocais empregados adequadamente em consonância com o conteúdo^{7,12,21}.

A articulação indefinida gera dificuldades na compreensão e perda na credibilidade da mensa-

gem, por isso, é uma competência comunicativa obrigatória para os comunicadores sociais e jornalistas — futuras profissões dos participantes deste estudo — sendo uma das principais características que diferenciam profissionais de não-profissionais^{21,22}. Justificando a escolha da dicção nítida (articulação bem definida) ser a mudança mais evidente nas leituras.

Embora a carga vocal de um locutor radialista seja relativa e dependente da programação, em suma, essa categoria tem poucos riscos de distúrbios vocais relacionados ao trabalho (DVRT) comparado às outras categorias, como os professores e operadores de *telemarketing*²³. Algumas singularidades do radialismo permitem tirar essas conclusões: a jornada de trabalho é mais curta; as condições e organizações de trabalho são melhores; a acessibilidade na utilização de amplificadores vocais e o baixo nível de ruído sonoro. Nas rádios universitárias essa realidade prevalece, pois neste estudo, a média de dias trabalhados foi três, e por meio turno. Além disto, os estúdios e os materiais eram similares aos de uma rádio profissional. Por isso, como evidenciado por Mollin *et al.*²⁴, acredita-se que os leves desvios da qualidade vocal na população estudada (Tabela 2) estão relacionados ao comportamento vocal oriundo da falta de treinamentos, pois, evidencia-se que locutores com formação profissional possuem mais hábitos vocalmente saudáveis.

A frequência da voz é definida pelo número de vezes em que as pregas vocais vibram sendo interligada ao comprimento e à tensão da sua musculatura. Não houve evolução neste recurso como apresentado anteriormente (Tabela 3). Profissionais com pouca formação profissional tendem a ler em frequência mais aguda. Sendo que em textos informativos é comum apresentarem uma frequência mais grave associada a uma modulação moderada para demonstrar firmeza no conteúdo transmitido. Normalmente, essa variável é descrita de forma quantitativa em medidas objetivas como o *Hertz* (Hz), porém, por uma escolha metodológica e sob a perspectiva dela ser um recurso da comunicação oral, foi analisada qualitativamente^{22,25}.

Semelhantemente ao recurso citado no parágrafo anterior, a intensidade também é descrita de forma quantitativa em medidas objetivas como decibéis (dB), mas nesta pesquisa, ela também foi analisada qualitativamente. A intensidade vocal mostrou-se, em sua maioria, parcialmente ade-

quada no momento inicial e final, porém houve um aumento da intensidade totalmente adequada e diminuição da intensidade inadequada no período final (Tabela 3). A intensidade vocal é produzida pela pressão do ar contra as pregas vocais. Geralmente, em uma leitura de texto, a intensidade mede em torno de 60 a 70 dB (decibéis), esse é a medida ideal para transmitir segurança e credibilidade. Uma sonoridade baixa pode revelar falta de confiança, e uma voz alta representa falta de profissionalismo²².

Inicialmente, os participantes desta pesquisa apresentaram a velocidade de fala, em sua maioria, parcialmente adequada, e, após o treinamento, manteve-se entre parcialmente adequada (37,5%), inadequada (37,5%) e totalmente adequada (25%) (Tabela 3). Este recurso comunicativo na voz do locutor de rádio não pode ser muito rápido, pois compromete a inteligibilidade do discurso²², e, geralmente, em textos com conteúdo sério, a velocidade de fala é média²⁶.

As pausas devem ser distribuídas de acordo com o conteúdo e pela autonomia do locutor, sendo utilizadas como recurso de ênfase e/ou recurso delimitador do conteúdo verbal^{21,26}. A adequação desse recurso organiza o discurso e auxilia na compreensão, principalmente em textos informativos que utilizam mais pausas do que os textos poéticos. Além disto, profissionais não treinados tendem a acelerar a velocidade da fala e utilizar poucas pausas²². Neste estudo, houve redução das pausas inadequadas, aumentando, assim, o uso de parcialmente adequadas no momento após a intervenção (Tabela 3). Esse recurso também teve uma maior evolução em um treinamento de competências comunicativas com estudantes de comunicação social¹².

Embora a modulação tenha se mostrado parcialmente adequada em ambos os períodos, após o treinamento houve predomínio maior da modulação inadequada (Tabela 3). O estilo de locução com textos factuais, como as leituras de notícias utilizadas nesta pesquisa, tem uma modulação moderada e menos acentuada comparado à locução de notícias esportivas e de conteúdo descontraídos²⁵.

Os recursos de ênfase tiveram uma leve evolução no momento final, mas tendo a maioria das ênfases classificadas como inadequadas em ambos os períodos, principalmente no período inicial (Tabela 3). Esses dados divergiram da evolução apresentada em um treinamento com estudantes

do curso de comunicação social¹². A ênfase influencia na compreensão do conteúdo destacando palavras relevantes²¹. É um recurso espontâneo e de fácil manuseio tanto por profissionais quanto por não profissionais, sendo assim, os treinamentos pautados em aprimorar tais aspectos podem não determinar o uso correto dessas palavras em todos os contextos²⁶.

A literatura científica retrata demandas não supridas na população universitária, que respaldam a necessidade de treinamentos para a comunicação oral^{11,27}, possibilitando, assim, ao graduando, ainda no período de formação profissional, o acesso às competências necessárias para inserção no mercado de trabalho⁴. Este estudo corrobora com outras pesquisas que mostraram resultados promissores com os treinamentos comunicativos para estudantes¹⁰ do curso de comunicação social, jornalismo^{12,15,16} e rádio²⁶.

Estimula-se que as futuras investigações científicas com essa população contemplem outros instrumentos de avaliação da comunicação oral, por exemplo, a auto avaliação e a análise acústica da fala. Além de instrumentos que avaliem o estágio de prontidão para a mudança comportamental, e que essa taxonomia também seja incluída nas propostas de intervenções com essa população. Recomendam-se novas pesquisas com amostragem maior, evidentemente, respeitando um limite entre 12 e 15 participantes por grupo de intervenção¹² e mensurando o desenvolvimento das competências comunicativas em longo prazo.

Conclusão

As notas das leituras apresentaram valores superiores após o treinamento com significância estatística, enquanto a qualidade vocal e alguns recursos vocais (intensidade, velocidade de fala, pausas, modulação e ênfases), exceto a frequência, mostraram discreta evolução ao final do treinamento. Estimulam-se estudos com maior amostragem e diferentes instrumentos de avaliação da comunicação oral para mensurar a eficácia do treinamento com locutores de uma rádio universitária.

Referências bibliográficas

1. Martín-Pena D; Gómez-Crisóstomo R; Romo-Fernández Luz M. Producción científica sobre radio universitaria (Scopus, 2000-2017). Cuadernos de Documentación Multimedia, 2019, 30, 59-74;
2. Mora-Jauregui B, Pérez-Rodríguez MA. Blogs como recurso de una radio universitaria: El caso de Uniradio-Huelva. Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal, 2017, 31, p.15-33. <http://dx.doi.org/10.18089/DAMEJ.2017.31.2>;
3. Bernad MS, Martín Pena D, Aldave CG. Análisis de las herramientas de producción radiofónica en las radios universitarias españolas. Cuadernos de Documentación Multimedia, 2017, 28 (2): p.170-86. <http://dx.doi.org/10.5209/CDMU.58341>;
4. Ortiz Sobrino M, Marta-Lazo C, Martín-Pena, D. La formación de competencias profesionales en los estudiantes de Comunicación Social de las emisoras universitarias en España y Portugal: situación y resultados asimétricos. Signo y Pensamiento, (2016), 35(68), p.35-50. <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.syp35-68.fcpe>;
5. Kischinhevsky M, Mustafá I, Matos CM, Hang L. Por uma historiografia do rádio universitário no Brasil. Revista Brasileira de História da Mídia. 2018. Vol. 7, nº 2, jul./dez. <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.7220186200>;
6. Giorgi SM. Origin and decline of the first university radio web in France, Journal Educational Media International, (2017), 54:3, p.185-98. <http://dx.doi.org/10.1080/09523987.2017.1384152>;
7. Warhust S, McCabe P, Madill M. What Makes a Good Voice for Radio: Perceptions of Radio Employers and Educators. J. voice. 2013. Vol. 27, No. 2, p.217-24. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvoice.2012.08.010>;
8. Borrego MCM, Behlau M. A mapping of the Speech Language Pathology practice pathway in verbal expressivity in the work of communicative competence. CoDAS; 2018;30(6):e20180054;1-4. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20182018054>;
9. Penteado RZ, Gastaldello LM. Fonoaudiologia em webradio. Rev. Distúrb Comun., junho, 2015; São Paulo, 27(2): 333-45;
10. Celeste LC, Lima AM, Seixas JMA, Silva MA, Silva EM. Treinamento da performance comunicativa em universitários da área da saúde. Audiol Commun Res. 2018; p.1-8; 23:e1879. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6431-2017-1879>;
11. Marinho ACF, Medeiros AM, Gama ACC, Teixeira LC. Fear of Public Speaking: Perception of College Students and Correlates. J. voice., 2017; Vol. 31, No. 1. p.127.e.7 - 11. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvoice.2015.12.012>;
12. Neiva TMA, Gama ACC, Teixeira LC. Expressividade vocal e corporal para falar bem no telejornalismo: resultados de treinamento. Rev. CEFAC. 2016 Mar-Abr; 18(2):498-507. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620161829415>;
13. Penteado RZ, Ghirardi ACAM. Fonoaudiologia nas práticas educacionais de formação de jornalistas – estudo de revisão. Rev. Distúrb Comun., São Paulo, setembro, 2017; 29(3): 487-97. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2017v29i3p487-497>;
14. Oliveira GC, Farghali SM, Silva MAA. Fonoaudiologia e formação profissional em rádio e televisão: uma relação produtiva. Rev. Distúrb Comun., agosto, 2013 São Paulo, 25(2): 293-6;



15. Fernandes MCMB. Proposta de atuação fonoaudiológica para estudantes de comunicação: Efeitos de dois tipos de treinamento [Tese de doutorado]. São Paulo(SP): Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP - Escola Paulista de Medicina - EPM; 2017;
16. Souza R, Fernandes ACN, Ferreira L. Oficina de expressividade para universitários em situação de apresentação de seminários. *Rev. Distúrb Comun.* 2013; 25(3): 458-76;
17. Santos TD, Ferreira LP. Expressividade do profissional da voz: processo de construção de um roteiro fonoaudiológico de observação. *CoDAS*, São Paulo, 2020, v. 32, n. 2, e20190121, p.1-6. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20192019121>;
18. Englert M, Madazio G, Gielow I, Lucero J, Behlau M. Perceptual error identification of human and synthesized voices. *J. voice.*, 2015, v. 30, p. 639.e17-23. <https://doi.org/10.1016/j.jvoice.2015.07.017>;
19. Englert M, Madazio G, Gielow I, Lucero J, Behlau M. Influência do fator de aprendizagem na análise perceptivo-auditiva. *CoDAS*. 2018, vol.30, n.3, e20170107, p.1-5. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20182017107>;
20. Reis GG, Nakata LE. Modelo transteórico de mudança: Contribuições para o coaching de executivos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. Jan.-jun. 2010, Vol. 11, No. 1, 61-72;
21. Pennini C, Vieira VP, Moreti F, Madazio G, Behlau M. Identificação de aspectos comunicativos na locução de repórteres de televisão. *Rev. Distúrb Comun.*, dezembro, 2018, São Paulo, 30(4): 776-84. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2018v30i4p776-784>;
22. Rodero E, Diaz-Rodríguez C, Larrea O. A training model for improving journalists' voice. *J. voice.*, 2017, Vol. 32, No. 3, pp. 386.e11-9; 0892-1997. <https://doi.org/10.1016/j.jvoice.2017.05.006>;
23. Cantor-Cutiva LC, Bottalico P, Hunter E. Work-related communicative profile of radio broadcasters: a case study, *Logoped Phoniatr Vocol*, 2019. 44:4, 178-91. <https://doi.org/10.1080/14015439.2018.1504983>;
24. Mollin PD, Silva M, Chuproski AP, Gali JFM, Dassie-Leite AP, Ribeiro VV. Caracterização dos hábitos e sintomas vocais de locutores de rádio. *Rev. Distúrb Comun.*, março, 2014, São Paulo, 26(1): 86-94;
25. Dias TEC, Martins PC, Teixeira LC, Gama ACC. Análise da variação prosódica em diferentes estilos de reportagens telejornalísticas. *Audiol Commun Res.* Jul.-set. 2015; 20(3): 210-4, <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2014-1528>;
26. Borrego MCM, Behlau M. Recursos de ênfase utilizados por indivíduos com e sem treinamento de voz e fala. *R e v . Soc. Bras. Fonoaudiol.* June 2012. São Paulo v. 17, n. 2, p. 216-24. <https://doi.org/10.1590/S1516-80342012000200019>;
27. Marinho ACF, Medeiros AM, Gama ACC, Teixeira LC. Fear of Public Speaking: Perception of College Students and Correlates. *J. voice.*, 2017. Vol. 31, No. 1, p.127.e.7 - 11. <https://doi.org/10.1016/j.jvoice.2015.12.012>.

